

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA

Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias - CECULT

Programa de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Cidadania e Ambientes Culturais

UM OLHAR SOBRE O ABANDONO AFETIVO DOS PATRIMÔNIOS HISTÓRICOS DE CACHOEIRA

Lise Anne Gonçalves dos Santos¹

Lúcio José de Sá Leitão Agra²

Resumo: Esta pesquisa pretende, dentro do contexto de Cidadania e Ambientes Culturais, abordar a preservação, especificamente, de dois monumentos históricos de Cachoeira: a Estação Ferroviária de Cachoeira e o antigo Hotel Colombo. O primeiro edifício encontra-se em processo de restauração; lamentavelmente o outro está desabando. Nesse sentido, este breve estudo tem como objetivo fomentar reflexões e questionamentos sobre a potencialidade desses patrimônios, a partir de um olhar sobre o Abandono Afetivo.

Palavras Chave: Abandono Afetivo; Patrimônios Históricos; Preservação e Restauração.

Abstract: This research aims, within the context of the Post-Graduation on Citizenship and Cultural Environments, to address the action of restoration and preservation, specifically, of two historical monuments of Cachoeira: the Cachoeira Train Station and the former Hotel Colombo, which are, one in the process of restoration and the other almost collapsing. In this sense, this brief study aims to foster reflections and questions about the potentiality of these assets, through the perspective of Affective Abandonment.

Keywords: Affective Abandonment; Historical heritage; Preservation and Restoration.

1 Pós Graduanda em Cidadania e Ambientes Culturais. E-mail: liseanne33@gmail.com

2 Professor do Cecult/UFRB. Orientador dessa pesquisa. E-mail: lucioagra@gmail.com

1. Breve Histórico sobre Cachoeira

O Vapor de Cachoeira foi inaugurado em 4 de outubro de 1819, data da realização da primeira viagem de Salvador a Cachoeira. O percurso foi feito durante nove horas, sendo que uma viagem nesse trajeto durava, nas embarcações tradicionais, quase cinco dias.

Uma notável iniciativa baiana levada a efeito no primeiro quartel do século passado, teve sua data culminante em 4 de outubro de 1819. Referimo-nos à empresa organizada para dar início à navegação a vapor no Brasil, ligada à larga visão e invulgar capacidade executiva de seus promotores, *Marechal de Campo* Felisberto Caldeira Brant Pontes - o principal responsável, pioneiro na intenção de tornar realidade a navegação a vapor (SIMAS FILHO, 1979, p.50).

Durante os anos em que o Vapor de Cachoeira funcionou, tornou-se parte da cultura popular da cidade. Ao que parece, houve uma suspensão dos serviços, depois que a embarcação foi destruída em 1823. Só em 1836, a navegação a vapor, na Bahia, foi reativada funcionando plenamente no auge do desenvolvimento econômico de Cachoeira. Este meio de transporte foi muito importante nessa época, não apenas contribuindo com seus serviços prestados à população, como também, na atualidade, pela sua rica significação na história da Bahia.

Logo o Vapor de Cachoeira se incorporou à vida baiana, e não só pelo aspecto econômico, com a redução do tempo de viagem entre a Cidade da Bahia e Cachoeira, na época entreposto comercial. O Vapor de Cachoeira e outras embarcações, como os saveiros, eram o principal meio de ligação entre o litoral e o sertão da Bahia. Além de pessoas, transportavam principalmente mercadorias e notícias. Os produtos manufaturados seguiam até Cachoeira e de lá eram levados em tropas de burros - e mais tarde de trem - para abastecer o interior da Bahia. Na rota inversa traziam para a capital a produção dos engenhos de açúcar, de fumo, algodão e tudo mais que o sertão produzisse (RAMOS, 2009, p.1).

Assinale-se que o apogeu da cidade de Cachoeira ocorreu nas décadas de 1826 a 1860. Foi nessa época que a cidade tornou-se entreposto comercial, porto de importação e exportação favorecendo uma grande parte da região. Naquele período, a cidade era habitada por portugueses, senhores de engenho, proprietários de comércios, escritórios e fazendas. Movimentava o comércio da região que chegava a atingir o sertão de Minas Gerais. É válido pontuar que, além da cidade ser polo comercial, foi considerada principal ponto de ação política nas lutas da elevação da

categoria de vila para cidade "Heróica", em consequência de seu papel nas batalhas da Independência da Bahia e do Brasil.

Cabe pontuar que, em Cachoeira foram construídos vários casarões, sobrados, além das edificações coloniais que já existiam, todos tornados em residências e comércios dos ricos portugueses que aqui se instalaram. Pode-se citar alguns acontecimentos significativos que ocorreram na ocasião dos tempos áureos da cidade: foi no auge de sua importância que o imperador D. Pedro I e a Imperatriz D. Leopoldina visitaram a cidade (em 1826), vindos de Salvador a bordo do Vapor de Cachoeira. Outro acontecimento importante a ser citado é que durante o período da revolta da Sabinada, Cachoeira tornou-se sede do governo da Bahia (em 1837). Ainda nos meados do século XIX, com a expansão do comércio da cana de açúcar e fumo, a cidade adquiriu visibilidade no exterior atraindo empresários alemães para o comércio do fumo. Assim como os portugueses, se voltavam para o comércio de alguns produtos, incluindo o açúcar. Desse modo, contribuíram para o desenvolvimento econômico da cidade.

É interessante citar que, um dos fatores que contribuíram para criação e instalação da Companhia Baiana de Navegação a Vapor, foram os movimentos sociais que estavam acontecendo em todo país. O vapor navegava nas cidades de Cachoeira, Santo Amaro e Nazaré, localidades que na década de 1836 eram principais polos econômicos da região. Várias foram as companhias que prestaram serviços de transportes, mas, devido ao declínio econômico e à falta de apoio financeiro do governo, muitas não permaneceram operando.

Deve-se pontuar que o município de Cachoeira desempenhava relevantes funções em relação a outras cidades do recôncavo, sendo conceituado polo distribuidor de mercadorias importadas e polo receptor de produtos regionais destinados à exportação. Foram essas valiosas relações comerciais, a decisiva motivação para o crescimento da Vila – depois Cidade - sendo mesmo local de preferência de portugueses, que, como vimos, enriqueceram com suas casas e negócio (SIMAS FILHO, 1979, p.62).

A cidade é banhada pelo rio Paraguaçu que foi um importante aliado para o crescimento econômico, sendo o maior e mais importante rio da região. Este era a principal rota de acesso das embarcações vindas de Salvador transportando produtos destinados às cidades do recôncavo e do sertão, assim como servia de rota inversa nesse trajeto. A via fluvial era finalizada em Cachoeira e seguia depois

várias direções terrestres, por onde eram distribuídas as mercadorias nas cidades da região e do sertão.

O início do declínio de Cachoeira ocorreu na década de 1830. A cidade começou a perder seu posto comercial para Feira de Santana, na qual já sucedia a mais importante Feira de Gado da Bahia.

Diante disso, um dos aspectos econômicos que contribuiu para o começo do declínio da cidade foi a baixa produção da cana de açúcar. O açúcar, principal produto cultivado por escravos nas lavouras da cidade, passou a ser produzido também em outras regiões da Bahia e do Brasil, nas quais já havia o avanço da lavoura de café, produto de grande perspectiva econômica na época. Com a proibição do tráfico de escravos, as atividades açucareiras sofreram um declínio, porém o surgimento dos engenhos centrais, no qual empregavam mão de obra livre e qualificada, acabou por causar alteração na economia. Com o insucesso das Fábricas Centrais, uma nova fase se inicia (fins dos anos 1890), quando o processo de concentração se intensifica, provocando a ruína dos antigos engenhos e aparecimento das modernas usinas (SIMAS FILHO, 1979, p.107).

Outro produto de destaque foi o Fumo, importante produto cultivado por agricultores na cultura de subsistência. Teve grande relevância no desenvolvimento da economia de Cachoeira. Vale ressaltar que a produção do fumo não perdurou apenas um ciclo, permanecendo seu cultivo mesmo na época da crise. Os alemães e portugueses eram os principais proprietários das fábricas fumageiras da cidade e região.

Nos meados do século XIX inicia-se a construção da via principal da Estrada de Ferro Central da Bahia ligando Cachoeira ao ramal de Feira de Santana. Como Cachoeira era principal ponto de partida e chegada de mercadorias da região da Bahia, assim, surge a necessidade da implantação de uma via de comunicação entre o litoral e os sertões do Estado, uma vez que havia uma incompatibilidade nos horários das companhias de navegação e de trem. Deveriam operar de forma simultânea porém, devido aos horários incompatíveis, o escoamento dos produtos não funcionava de forma favorável aos comerciantes. Com a abertura do ramal, o tráfego tornou-se mais rápido para o transporte de mercadorias e pessoas, favorecendo a importância de Cachoeira.

[...] e a Lei Geral – Imperial –, de 16 de junho de 1865, autorizou a concessão de uma estrada de ferro que, partindo de Cachoeira ou São Félix, se dirigisse às Lavras Diamantinas, com um ramal para Feira, unindo-se, na oportunidade, as duas margens do Paraguaçu por uma ponte Cachoeira- São Félix (SIMAS FILHO, 1979, p.115).

Diante do exposto, mesmo com o crescimento econômico da cidade de Feira de Santana, Cachoeira permanecia sendo a principal sede econômica da Bahia. Isso por conta do desenvolvimento econômico da indústria de fumo até o início do século XX.

É interessante ressaltar que depois de quase um século de luta dos cachoeiranos, a ponte D. Pedro II foi inaugurada. Isso entre os anos de 1885 e 1886, obra de grande importância para as cidades de Cachoeira e São Félix. A ponte ferroviária mais imponente da América do Sul foi construída pela Companhia da Estrada de Ferro Central, com objetivo de ligar as duas cidades vizinhas, além dar acesso ao ramal de Feira de Santana, motivo da fixação da linha férrea no centro da ponte. De acordo com Simas Filho, 1979, o movimento comercial diminuiu muito depois das estradas de ferro e a abertura de novas vias de comunicações com o centro, do qual era outrora Cachoeira o empório e único fornecedor.

Com o surgimento das rodovias, entre os anos de 1960 a 1970 Feira de Santana tornou-se o polo rodoviário mais importante da Bahia. Já na década de 1940, Cachoeira entrara em declínio, perdendo sua posição hegemônica em relação às cidades da região. O transporte rodoviário passou a constituir a mais importante função nas movimentações comerciais, sendo o caminhão o meio de transporte que pareceu mais rápido e prático no deslocamento de mercadorias, em oposição ao trem, com nenhuma perspectiva de modernização naquela época.

Vale pontuar, quanto a esse fato, que por questões políticas, várias decisões que favoreceriam a cidade foram vetadas ou proteladas. Já as embarcações de transporte fluvial, no período da construções rodoviárias, devido às suas limitações de tempo tornaram-se inativas. Dentro desse contexto de crise econômica em Cachoeira, várias fábricas de fumo fecharam as portas, instalando-se em outras regiões. O comércio já não funcionava como antes, dando início, assim, ao processo de estagnação e decadência da cidade.

Verificou-se, por conseguinte, estagnação e decadência geral, que se refletiu como é óbvio, numa degradação do ambiente urbano tradicional, pela desocupação de número considerável de casas, sobretudo os grandes sobrados, cuja manutenção tornou-se impossível numa fase de declínio de

negócios, resultando no progressivo arruinamento de alguns e no aspecto decadente de outros, configurando uma situação muito conhecida nas cidades em que fatos econômicos e sociais semelhantes ocorreram (SIMAS FILHO, 1979, p.168).

Diante disso, o governo responsabilizou-se em conservar todos os monumentos históricos da Bahia, por meio de autorizações em leis federais e estaduais, com objetivo de comprovar potencialidade no desenvolvimento econômico e social da Bahia e do Brasil, preservando sua contribuição na história do país para gerações posteriores. Sendo assim, cidade contou com apoio do governo, sendo ampliado anos depois com a criação SPHAN em 1937. Cachoeira foi uma das cidades baianas com grande número de bens culturais beneficiados no processo de tombamento.

Na década dos trinta, após diversas tentativas anteriores foi criado pela Lei nº 378, de 13 de janeiro de 1937, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – SPHAN -, que veio a ser efetivado pelo Decreto-Lei nº 25, de 30 de novembro do mesmo ano, que “Organiza a proteção do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional”, lei essa da maior importância para o Brasil (SIMAS FILHO, 1979, p.171).

Cabe sinalizar que o órgão SPHAN, Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, passou, pelo Decreto-Lei nº 8.534 de 02 de janeiro de 1946, para Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - DPHAN. Atualmente o órgão responsável pela preservação dos bens culturais é o IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

A Constituição do Estado da Bahia, de 1967, estabeleceu no “Art.139 – A Cidade de Cachoeira é declarada monumento histórico estadual e ficará sob a proteção do Poder Público na conformidade da lei que definirá as paisagens e os locais dotados de valor histórico, artístico e de particular beleza”. Era a reafirmação da grande importância dos bens culturais cachoeiranos, que passavam, a partir de então, a gozar da proteção estadual (SIMAS FILHO, 1979 p.171).

Na primeira década do século XXI a cidade de Cachoeira, no período da gestão do ex-presidente Lula, entre os anos de 2006 a 2008, foi contemplada por alguns programas de incentivo à cultura e ao turismo. Dentre eles estão: o Projeto Monumenta (2006/2008), a instalação da UFRB (2006) e o Programa de Turismo

Étnico (2008). Esses projetos tiveram por objetivo movimentar a economia da cidade, assim como estimular o desenvolvimento econômico.

O Projeto Monumenta é um programa de incentivo à preservação e restauração de monumentos históricos tombados pelo IPHAN. Cachoeira é a segunda cidade com maior número de acervos arquitetônicos protegidos pelo então órgão federal. As obras do projeto, na cidade, iniciaram-se no ano de 2006, favorecendo a maioria dos patrimônios históricos e algumas propriedades privadas.

Foram restaurados alguns sobrados, casas, igrejas, chafariz, sendo os principais: Conjunto de Nossa Senhora do Carmo, Igreja Matriz Nossa Senhora do Rosário, Capela de Nossa Senhora da Ajuda, Santa Casa de Misericórdia, Chafariz na Praça Dr. Aristides Milton, o Paço Municipal, Igreja do Rosarinho, Igreja Nossa Senhora do Monte, Cemitério dos Pretos, Quarteirão Leite Alves (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia), Fundação Hansen, etc. Segundo o portal do IPHAN, em Cachoeira foram investidos no total 24 milhões de reais, sendo que 5,2 milhões foram direcionados para recuperação de imóveis privados, com 141 números de propostas, no valor de 10,4 milhões de demandas pelo financiamento. O total de contratos assinados foi de 28 com o valor de 2.305.636,95; até 2008 havia 10 obras em andamento e 18 concluídas.

Outras cidades também têm significativa concentração de moradores na área protegida, como Cachoeira (BA), Lençóis (BA) e Alcântara (MA), com mais de 35% da população total. Justamente Lençóis e Cachoeira estão entre as três cidades que apresentaram os maiores números de propostas, superando, respectivamente, em 144% e 100% os valores disponíveis inicialmente para os financiamentos e demandando novos aportes do Programa (IPHAN, 2009, p.48).

A cidade de Cachoeira, antes da implementação do Projeto Monumenta em 2006, encontrava-se “esquecida” pelo governo e pela comunidade. Alguns monumentos históricos já haviam sido renegados; havia sobrados e casas privadas prestes a desabar. Neste sentido, Cachoeira se encontrava em significativa situação de abandono. É importante ressaltar, que mesmo com a iniciativa do Projeto ainda existem espaços históricos em situação de abandono e desabamento. Contudo isso, a ação do Programa do Ministério da Cultura em preservar e restaurar monumentos tombados pelo IPHAN e algumas propriedades privadas, a cidade está aos poucos buscando a sua posição de cidade Histórica e Monumento Nacional. Diante disso, a

cidade começou a ganhar visibilidade e reconhecimento. Percebe-se que, com o incentivo do Monumenta, aumentou a perspectiva futura de crescimento econômico na cidade, ativando a economia em relação à sua posição anterior, gerando renda para comunidade. Além disso, o projeto promoveu cursos profissionalizantes para pedreiro e guia turístico com objetivo de capacitar pessoas da comunidade, gerando oportunidades de empregos. Sobre o Projeto Monumenta, o Instituto do Patrimônio Artístico Cultural da Bahia – IPAC, afirma que:

ele atua em cidades históricas protegidas pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Sua proposta é de agir de forma integrada em cada um desses locais, promovendo obras de restauração e recuperação dos bens tombados e edificações localizadas nas áreas de projeto. Além de atividades de capacitação de mão de obra especializada em restauro, formação de agentes locais de cultura e turismo, promoção de atividades econômicas e programas educativos (IPAC, 2011 p.1).

Nesse contexto, com aumento das reformas na cidade, muitos empresários investiram em lojas de materiais de construção, visualizando o crescimento de sua renda, suscitando novos empregos e contribuindo para o avanço da economia. A cidade vislumbrou novamente uma perspectiva de crescimento econômico. Sendo assim, alguns moradores apostaram nesse momento, investindo no aumento dos preços dos aluguéis de casas, pontos comerciais e outros.

Cabe pontuar, que o Projeto tinha como estratégia estabelecer novas funções para os monumentos restaurados - os quais antes não estavam ativos - fomentando o seu funcionamento, bem como preservando e conservando os patrimônios históricos da cidade. E a iniciativa do governo com as propriedades privadas tinha como objetivo o financiamento para restauração desses imóveis nas áreas tombadas.

A partir desta lista elaborada pelo IPHAN e de trabalhos de campo realizados ao longo de 2008, constatamos que, apesar de muitas obras do Monumenta em imóveis particulares estarem definidas como concluídas e algumas com prazos para finalização, os mesmos se encontram com as obras inacabadas ou mesmo sem inicialização (HENRIQUE, 2009, p.105).

Apesar da iniciativa do Programa Monumenta em Cachoeira, alguns locais históricos que compõem o conjunto arquitetônico da cidade não foram beneficiados

pelo projeto. Cabe citar que existem espaços históricos públicos e privados que, por motivos financeiros, ainda permanecem em situação de abandono.

Com relação à instalação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) em Cachoeira, esta promoveu um enorme impacto econômico e social. A cidade se preparou economicamente para a chegada da Instituição, a exemplo de empresários cachoeiranos que investiram em seus comércios ampliando e construindo setores que ainda não existiam nesta. Alguns empresários de fora da cidade se instalaram nela investindo em famosas franquias, devido à necessidade e desejos dos moradores da cidade. A rede de alimentação foi significativamente ampliada com as franquias atualmente existentes na cidade, como Cacau Show, Mr. Shake e Subway. Vale pontuar também que, o empresário cachoeirano Empresário Edson Pereira ampliou seu comércio com a construção de uma Lanchonete e um Supermercado (no espaço de um Prédio privado que se encontrava em ruínas, sendo financiado para reforma pelo Projeto Monumenta em 2006.).

Constatamos, a partir da leitura dos relatórios técnicos do Programa Monumenta (www.monumenta.gov.br), uma relação muito próxima entre o Programa e a instalação da UFRB (uma ação de planejamento conjunta?), pois a “geração de negócios complementares imprescindíveis à vida dos estudantes, como pensões, bares, livrarias e papelarias” podem desenvolver economicamente o município e a região (HENRIQUE, 2009, p.107).

É sabido que, nos anos da instalação da UFRB, a cidade se encontrava em um momento de construção de novos espaços (alocações e estabelecimentos comerciais). Construções de casas, *lan houses*, copiadoras, quitinetes, lanchonetes, lojas de materiais de construção, supermercados, apart-hotéis, dentre outros serviços, para receber os novos moradores - professores, servidores e estudantes. Em contrapartida, mesmo a cidade carregando o título de histórica e sediando um dos maiores eventos culturais do país, a Festa Literária Internacional - Flica, esta não conta com uma boa estrutura de livrarias e papelarias. Até existem algumas, porém não suprem as necessidades dos moradores, e estes acabam por ter que recorrer às livrarias da capital. Percebe-se que faltaram investimentos neste ramo na cidade. Nestes termos, alguns objetivos não foram concretizados. Havia perspectiva de mudanças, mas alguns comércios não conseguiram se manter, fechando as portas. Diante dessa situação, algumas obras não foram concluídas pelo fato dos

beneficiados com o financiamento do Projeto Monumenta não conseguem quitar as dívidas.

Dentro desse contexto de transformações na estrutura da cidade e no cotidiano dos moradores, com a chegada da UFRB, ocorreram impactos positivos e negativos. A cidade recebeu várias pessoas de diversas regiões do Brasil com uma pluralidade diversificada de experiências e conhecimentos que modificaram o cotidiano dos cidadãos. Neste sentido, quando uma cidade aumenta o fluxo de pessoas diversas, ocorrem também várias transformações, alterando a rotina dos antigos moradores e, conseqüentemente, a conjuntura local. É perceptível que, o consumo de drogas, a violência, o aumento dos aluguéis e invisibilidade dos antigos moradores, são impactos negativos com a chegada da universidade.

Assim, para que aconteça um processo de desenvolvimento na perspectiva do desenvolvimento humano, indo para além do crescimento econômico, o qual é percebido com a chegada da universidade em cidades como as do Recôncavo Baiano, é necessária uma atuação da própria Instituição no sentido de se relacionar melhor com a cidade e seus moradores, identificando e atuando sobre os conflitos e contribuindo com ações que promovam o desenvolvimento local (REBOUÇAS, 2017, p.57).

Percebe-se que de início a comunidade sofreu uma invisibilização, sentia-se distante da UFRB. Havia e ainda há uma certa dificuldade de pertencimento ao espaço, apesar da Universidade ser um lugar projetado para dar acesso livre a todos. Ainda existe uma grande resistência por parte de alguns cachoeiranos em visitar/frequentar o Centro. Percebe-se que este problema de adaptação não ocorre apenas com cidadãos, mas também com os visitantes que não conhecem a Instituição. Os da cidade, por sua vez, estranham os novos hábitos trazidos pela presença de estrangeiros que se fixam temporária ou permanentemente.

Contudo, as parcerias entre as instituições e escolas, no sentido de promover a educação, essas relações entre a UFRB e a comunidade tem se estreitado. Neste sentido, apesar das vantagens trazidas com a Universidade, essa também traz consigo uma vivência que a cidade desconhece.

O campus da UFRB em Cachoeira - Centro de Artes, Humanidades e Letras é o centro que tem bastante identificação com o município, pelo fato de Cachoeira ser considerada uma cidade Histórica e Artística. O espaço oferta alguns cursos, os quais são: História, Cinema, Museologia, Artes Visuais, Serviço Social, Gestão Pública, Ciências Sociais e Jornalismo. A UFRB trouxe novas oportunidades para

cidade, promovendo potencialidades. A cidade floresceu no universo acadêmico através dos pesquisadores, professores e estudantes. Cachoeira tem um vasto campo histórico, cultural, religioso, de festas significativas, saberes para serem explorados. Esta tornou-se um pólo de atração para pesquisadores, os quais foram atraídos pela sua rica diversidade cultural. Pessoas formadas em diversas universidades, que contribuem na produção de conhecimentos para a região. Assim, houve uma grande transformação na cultura de muitos jovens e alguns adultos do Recôncavo que tiveram a oportunidade de ingressar em uma Universidade Federal. Com a Universidade inserida no contexto de Cachoeira, foi possível o reconhecimento mais significativo e a valorização da cidade como um todo, tal como sua gente, os saberes, suas festas, manifestações religiosas e culturais.

Nessa perspectiva, como já citado, a cidade aos poucos, “volta” a ser reconhecida, “desfrutando” do seu lugar de Cidade Histórica e Monumento Nacional. Todavia, isso no período inicial, quando a UFRB estava passando pela fase de implantação, na ocasião em que recebia mais apoio financeiro do governo federal para manter ativa a instituição. Atualmente, na nova gestão, com parte das verbas interceptadas para educação, a Universidade vem perdendo significativamente o espaço das políticas públicas que tanto a mantém como aos que a acessam.

Nesse sentido, ainda existe um longo caminho ser percorrido, a cidade precisa ser olhada de uma maneira mais sensível pelos governantes e pela comunidade.

Ainda existem alguns monumentos públicos que foram importantes no crescimento econômico e social de Cachoeira, os quais permanecem esquecidos e abandonados, dentre eles estão: a Igreja dos Remédios, o antigo Hotel Colombo, entre outros.

Outro importante programa de incentivo à cultura e turismo implementado em Cachoeira foi o Projeto de Turismo Étnico, isso por meio do Programa de Ação do Turismo Étnico Afro da Bahia, aliado ao Governo do Estado e o Ministério do Turismo. Este teve por objetivo fomentar a cultura e o turismo, promovendo o processo de desenvolvimento das economias locais e regionais. “Segundo o material de divulgação deste projeto do Ministério do Turismo, a dotação orçamentária é da ordem de R\$ 1.245.200,00” (HENRIQUE, 2009, p. 108).

As Manifestações culturais e religiosas de matriz africana são os principais produtos que atraem os turistas. Exemplo disso é a Festa da Irmandade de Nossa

Senhora da Boa Morte, reconhecida internacionalmente e que atrai muitas pessoas de diversos lugares do mundo à cidade. As manifestações religiosas como as festas de terreiro de candomblé são visitadas por vários turistas adeptos da religião ou por curiosos que apreciam e participam dos cultos.

O patrimônio cultural material e imaterial de Cachoeira vem adquirindo potencialidade e visibilidade através de pesquisas e projetos desenvolvidos por pesquisadores e estudantes da região, os quais se interessam por sua história e anseiam por preservá-la ou que se sentem comprometidos em retribuir a oportunidade recebida nela.

Nota-se que a cidade hoje é vista no país como um centro cultural de enorme importância, isso devido à contribuição da ação do PAC - Programa de Aceleração do Crescimento que foi implantado no governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso. Entretanto, só no governo do ex-presidente Lula o programa foi executado com objetivo de promover acesso ao crescimento econômico nas cidades selecionadas. Todavia, ainda existem alguns contratemplos que impedem seu desenvolvimento social e econômico.

A instalação da UFRB, o Monumenta e o Turismo Étnico, fortemente amparados pelos investimentos públicos, têm provocado uma reestruturação urbana e do cotidiano de Cachoeira que, até então, desenvolvia atividades “tradicionais”, relacionadas ao mundo rural. Estas novas dinâmicas propiciam a recuperação e melhoria das condições socioeconômicas de alguns setores das populações envolvidas e a melhoria da infraestrutura de espaços pré-selecionados da cidade, bem como um retorno econômico (HENRIQUE, 2009, p.110).

Vale salientar novamente que Cachoeira, cidade histórica, tombada pelo IPHAN, cercada de monumentos históricos abandonados, apesar de algumas iniciativas de preservação e conservação, permanece com alguns de seus espaços esquecidos ou até mesmo em estado de ruínas. Percebe-se que o abandono desses espaços históricos às vezes passa despercebido ou até mesmo é renegado pelos órgãos responsáveis e pela comunidade. É perceptível na cidade o crescimento de espaços em reformas e construções de iniciativa privada. É interessante ressaltar que, ao que se percebe, em Cachoeira existem muitos profissionais que trabalham ou pelo menos tem uma noção básica sobre serviço de construção. Em contrapartida, as iniciativas de restauração e preservação que foram implementadas

na cidade não foram suficientes para restaurar alguns patrimônios históricos que se encontram abandonados e desabados em Cachoeira.

Talvez o abandono possa estar sendo inserido de forma estratégica, ou seja, uma maneira de incitar as pessoas à construção de desafetos por esses lugares ultrapassados. Talvez um desabamento seja favorável para alguns órgãos responsáveis a até mesmo para o próprio proprietário, por razões financeiras e políticas. Em alguns casos pode ser preferível que haja um desabamento a manter a preservação de um monumento histórico. Nestas condições, parece que construir é mais vantajoso que restaurar. Diante do que foi posto, por que será que numa cidade histórica, os moradores preferem construir fachadas de estilo moderno, fora do padrão do IPHAN, o qual tem a função de preservar monumentos históricos?

2. Minha Caminhada

Ao realizar um paralelo entre o Abandono Afetivo e o abandono dos patrimônios históricos da minha cidade, no trajeto emergiram memórias de uma infância vivida no território cachoeirano, memórias individuais que perpassam o coletivo e se entrelaçam, trazendo à tona um sentimento de pertencimento do espaço. Quanto a isto, Pollak nos esclarece que:

a priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou, sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes (POLLAK, 1992, p.201).

É interessante destacar que a memória da infância é fundamental para relembrarmos momentos marcantes e compará-los aos avanços do mundo atual, à conjuntura em que vivemos. Podemos perceber que alguns acontecimentos permanecem registrados em nossa memória. Isso ocorre porque os mesmos podem ter repercutido em nossos sentimentos, de forma positiva ou negativa. Esses momentos sendo de alegria, tristeza ou medo, de alguma forma nos marcam emocionalmente.

O importante aqui é compreender como essas memórias afetivas se relacionam com os espaços históricos da cidade de Cachoeira, situada no Recôncavo Baiano. Cada um destes espaços guarda as riquezas e lembranças

daquela época em que a cidade foi um dos centros econômicos do Brasil, restando aos cachoeiranos as lembranças de um passado grandioso que contribuiu para a liberação do jugo português e o desenvolvimento econômico deste país.

Vale salientar que foi nesta fase da infância que descobri a rica história desta cidade, seja através das pesquisas solicitadas pela Escola ou por meio dos passeios que fazia nos dias de domingo. Era gratificante e inspirador saber que a cidade na qual morávamos teve bastante influência nas batalhas para libertar o Brasil de Portugal, e que por meio deste rico episódio conquistou o título de cidade Heróica e Monumento Histórico Nacional.

As memórias coletivas da infância, as quais ficaram marcadas em alguns espaços históricos da cidade, compõem lembranças de momentos intensos e bem vividos durante essa fase da vida. Picoli (2010, p. 173) dá ênfase à ação da memória, afirmando que “[...] é por meio de seu (s) uso (s) que os indivíduos conseguem estabelecer relações com o passado, sentimentos de identidade, (res) significando o presente e criando lugares de memória”. Deste modo, essas crianças do passado cachoeirano, hoje adultos, veem alguns lugares da cidade que possuíam valor sentimental para si e para um grupo, abandonados pelo poder público, pelos próprios moradores, sendo que alguns desses espaços nem existem mais.

Dentre esses espaços de vivências que poderíamos citar, está a Estação Ferroviária de Cachoeira. Na infância não alcancei a fase de transporte de passageiros, mas por sempre ouvir minha avó materna contar sobre essa época, percebi que a Estação foi muito importante para a região do Recôncavo e para a população de Cachoeira, pois era a principal via terrestre da Bahia na época. O monumento é um espaço no estilo imperial do século XIX, sua fachada preserva uma época em que a cidade foi um dos centros econômicos do país. A Estação de Cachoeira foi inaugurada em 1876. Na época não havia uma ponte que cruzasse o rio Paraguaçu até a linha férrea. Nesse sentido, com o aumento do comércio, cresceu o fluxo do serviço de balsas sobre o Rio. Assim, depois de muitos anos, foi instalada a ponte D. Pedro II para interligar as cidades de Cachoeira e São Félix. Esta já passou por algumas reformas e nos dias atuais se encontra abandonada, suja e escura servindo de abrigo para mendigos e marginais.



Figura 1: Estação Ferroviária de Cachoeira, BA – Fonte: Google Imagens, 2019.

Outro lugar de memória afetiva são as ruínas do Hotel Colombo, prédio construído no século XIX. Na época da infância, o espaço já não mais ofertava serviços de hospedagens, apenas funcionavam diversos bares na parte térrea deste. Esse espaço era o local que um tio frequentava e que uma tia sempre nos conduzia a encontrá-lo. Aquele local era um lugar de espera, no qual podíamos refletir sobre sua imponente construção e sua importância no crescimento da cidade, mas, sobretudo o abandono daquele espaço nos causava inquietação.



Figura 2: Hotel Colombo – Fonte: Google Imagens, 2019.

O rio Paraguaçu foi outro espaço muito significativo na infância. Já foi a principal via fluvial de transporte e comunicação de toda região, bem como um rio bastante piscoso. Permanece navegável, entretanto com pouca profundidade para suportar embarcações de grande porte; ainda hoje garante o sustento de muitas famílias através da pescaria, todavia se encontra poluído. O Paraguaçu fez parte da infância por ser um espaço de lazer no qual, no verão, a criançada tomava banho e fazia piqueniques em família. Nele, também, lavavam-se roupas e pratos quando faltava água em nossas casas. O caminho para chegar à parte do rio, onde as águas eram limpas era bastante distante e de difícil acesso, mas a vontade de nos divertir superava os obstáculos e a longa distância. Atualmente, o rio se encontra parcialmente poluído e talvez esquecido por muitos.

Trazer à tona as lembranças de momentos felizes e divertidos nesses espaços traz um sentimento de saudade, saudade de uma cidade que já foi e ao mesmo tempo é, que tenta resistir às investidas do tempo sobre suas tradições e sua arquitetura. Nesta cidade as crianças de hoje, mesmo que queiram, já não podem mais sair pelas ruas como as do passado, porque a violência não permite; o rio já não tem as mesmas águas limpas para aquele banho entre amigos; os pontos históricos "já viraram rotina na cidade", e muitos passam sem ao menos olhar sua magnitude, apenas os turistas ainda buscam os resquícios da bela Cachoeira, que embora esteja lá, poucos a veem realmente.

Percebe-se que, devido ao processo da globalização algumas pessoas apreciam e valorizam a cidade ou o país do outro, pela questão da curiosidade de conhecer. Por outro lado, os moradores às vezes não conseguem visualizar a potencialidade da história da sua cidade, por estar acostumados com aqueles locais. Nestes termos, o distante se faz próximo e o próximo passa a ficar distante; com isso a história de outros lugares se faz mais importante que a própria cidade. Como explica Santos, sobre a disseminação da informação:

[...] graças ao progresso fulminante da informação, o mundo fica mais perto de cada um, não importa onde esteja. O outro, isto é, o resto da humanidade, parece estar próximo. Cria-se para todos a certeza e, logo depois, a consciência de ser o mundo e de estar no mundo, mesmo se ainda não o alcançamos em plenitude de material ou cultural (2010, p.172).

Dentro desse contexto, sobre a relação do passado com os espaços históricos na contemporaneidade, surgem várias reflexões e questionamentos sobre

o "esquecimento" desses lugares. Sabe-se que no século XIX houve um declínio econômico na região do Recôncavo. A cidade que antes era considerada como entreposto econômico da Bahia foi perdendo aos poucos sua importância. O que suscita um "desuso" destes locais.

Tecendo uma comparação com relação à atualidade sobre o abandono desses lugares, existem vários fatores que contribuíram para a decadência desses espaços: com a evolução da economia de viés capitalista houve significativa baixa nos postos de trabalho na cidade. Esta foi uma das principais causas da migração das pessoas para capital e cidades metropolitanas.

Na década de 1960, o fechamento de algumas fábricas, concomitante ao impacto da implantação do Pólo Petroquímico em Camaçari e do Centro Industrial de Aratú, fez-se sentir também na região de Cachoeira e em outros municípios, implicando o êxodo de alguns habitantes e o subemprego de outros (CHUVA, 2008, p.50).

Outro item preponderante é a falta de segurança na cidade. Esta é uma das causas que contribuíram para o esquecimento da comunidade quanto a esses locais. Cabe citar que, infelizmente, esta questão não limita-se apenas à cidade de Cachoeira, mas atinge outras cidades do país, o que acaba por afetar negativamente o fluxo de acesso a esses lugares. O avanço da tecnologia e a inserção da internet também foram responsáveis para o abandono desses espaços públicos. Segundo o pesquisador Quaresma:

a sociedade contemporânea tem sofrido o impacto de mudanças em seu modo de vida. O avanço tecnológico, o aumento populacional, as desigualdades sociais e as pressões do mercado impulsionam todos a se adequarem a situações e rotinas impensáveis há poucas décadas. Uma das mais preocupantes situações diz respeito ao crescimento da violência pública. O Atlas da Violência 2017, elaborado pelo IPEA e Fórum Brasileiro de Segurança Pública, mostra que a insegurança não é mais restrita aos grandes centros urbanos. [...] Em todo o Brasil, a cada três semanas são assassinadas mais pessoas do que todas as vítimas de ataques terroristas no mundo nos cinco primeiros meses do ano (2017, p.1).

Nessa perspectiva da atualidade, trazendo a relação afetiva com os espaços históricos de Cachoeira, acredita-se que algumas crianças que fazem parte da conjuntura atual não visualizam ou conhecem e exploram fisicamente esses lugares tão importantes da cidade, talvez pela questão do processo da globalização. Muitas delas ficam presas aos seus celulares e acabam se dispersando, deixando de

perceber o que está bem diante de seus olhos. Em contrapartida, a internet é uma ferramenta significativa, já que proporciona realizar pesquisas tão completas sobre os pontos históricos, que às vezes muitos não sentem mais a necessidade de conhecer esses espaços, fisicamente, pelos diversos motivos já citados. De modo geral existe uma grande diferença entre as gerações passadas e a atual, no que diz respeito à circulação da informação. São épocas e situações bastante distintas para se equiparar. Mas mesmo este trabalho de pesquisa, a despeito de todas as dificuldades, já se vale dos recursos que a Internet pode proporcionar.

Partindo do que foi exposto, durante meu trajeto no curso de Artes Visuais, fui tentando desenvolver projetos interdisciplinares voltados para reconstrução das memórias da minha infância. Para tanto, a fim de representar tais lembranças foi utilizado, como figura de auto-representação e ressignificação, o objeto “boneca”.

A boneca infantil, como um objeto afetivo e artístico inserido nos lugares públicos de memória afetiva, surgiu através de uma imagem produzida nas aulas de fotografia, a qual foi realizada com a intenção de ressignificar minhas vivências da infância e me surpreendeu quando tomou o rumo para a análise do abandono. Essa fotografia foi feita na calçada da rua onde morava: a boneca aparece em primeiro plano e uma viatura da polícia em segundo, suscitando a ideia de abandono, devido à violência na cidade. Assim, através dessa reflexão, surgiu o processo de construção artística sobre o abandono afetivo com a inserção da boneca nos espaços esquecidos da cidade de Cachoeira. Graças a essa identificação por esse objeto e o incentivo da professora de fotografia para dar continuidade ao meu projeto sobre memórias, auto-representadas pela boneca. Nas disciplinas de Fotografia II e III (2014.1 e 2014.2), ambas ministradas pela docente Valécia Ribeiro, pautamo-nos pelo texto do autor Roland Barthes (*A Câmara Clara* 1979), no qual se aborda a sensibilidade do olhar na fotografia.

A partir disso construímos um trabalho poético sobre memórias, através de imagens e vídeos, trabalhando com a boneca nas questões sociais como: abandono, violência e trauma na infância. O resultado do projeto foi bastante relevante, ao ponto de ter me empenhado em prosseguir produzindo uma videoarte intitulada *Caminhos*, que narrava a história sobre o abandono afetivo de uma pessoa da minha família, a qual foi encenada pela boneca através do fluir das águas do rio Paraguaçu.

Devido às experiências anteriores com a boneca, decidi ir além da fotografia e da videoarte, realizando algumas experiências com intervenção artística na disciplina de Processos Artísticos IV do semestre 2014.2, ministrada pelo professor Gaió Matos. Com base no texto de Paola Berenstein, (Errâncias Urbanas 2005), é possível perceber que os artistas visualizam a cidade como campo de pesquisa para outras oportunidades sensitivas que dialogam com suas experiências.

Dentro do contexto da arte contemporânea, vários artistas trabalharam no espaço público de forma crítica ou com um questionamento teórico. O denominador comum entre esses artistas, e suas ações urbanas, seria o fato de que eles vêem a cidade como campo de investigações artísticas aberto a outras possibilidades sensitivas, e assim, possibilitam outras maneiras de se analisar e estudar o espaço urbano através de suas obras ou experiências (p.22).

Nesse sentido, tentei realizar uma intervenção artística e dar continuidade a este processo que tinha também como objetivo, dar um novo significado às experiências vividas nos espaços históricos durante a infância. A intervenção artística da boneca foi realizada em monumentos históricos abandonados ou desativados em Cachoeira. Cada espaço tem sua história e a escolha desses no processo de criação se fez bastante relevante. Por serem lugares históricos que no passado tiveram grande importância para cidade e locais de memórias afetivas, os quais atualmente estão esquecidos, dentre eles; O Hotel Colombo, a Estação Ferroviária, a Igreja de Nossa Senhora dos Remédios e o Chafariz Público. São espaços nos quais eu inseri a boneca para a intervenção, suscitando reflexões e questionamentos sobre sua presença naqueles locais. Durante o processo artístico a boneca carregava uma câmera fotográfica profissional amarrada na cintura, com o intuito de registrar a interação do público.

Vale ressaltar que a intenção por trás destas experiências na cidade de Cachoeira era a produção de uma exposição artística, na qual eu me apropriaria das múltiplas linguagens artísticas - Fotografia, Intervenção Artística, Performance e Videoarte - inserindo a imagem da boneca em diversos pontos históricos abandonados, ressignificando minhas vivências, ou seja, dando um novo sentido, mas de forma poética. Embora tenha realizado uma exposição de fotografias sobre o Abandono Afetivo no Foyer da UFRB (espaço para exposição da Universidade) para o trabalho de conclusão de curso TCC, esta não foi suficiente para abranger a

comunidade. Limitou-se à visita feita pelos estudantes da instituição e alguns estudantes do Colégio Simonton. A perspectiva era sensibilizar aos presentes e estimular reflexões e discussões sobre o abandono dos patrimônios históricos de Cachoeira, através das imagens e da videoarte. É importante salientar que toda a construção desse processo artístico considera-se como um resultado e não como a obra acabada nela mesma.

Nessa fase de construção artística, entre meus questionamentos sobre Preservação e Conservação de Patrimônios públicos e privados, surgiu a ideia de produzir uma projeção em algum dos prédios públicos ou privados da cidade. Diante disso, junto a minha equipe realizamos uma instalação interativa na Praça Dr. Aristides Milton, na cidade de Cachoeira. Este processo artístico foi um trabalho interdisciplinar realizado no semestre 2015.1 nas disciplinas de Projeto em Artemídia III, mediada pelo Professor Jarbas Jácome e Arte e Patrimônio mediada pela Professora Suzane Pinho, que compôs a mostra “Imersões Microuniverso em Experimentações Digitais” realizada entre os dias 27 a 30 de abril de 2015, na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. O objetivo deste projeto foi questionar a forma de preservação do patrimônio material em sítios históricos brasileiros, especialmente na cidade de Cachoeira. A própria experiência de membros do grupo que fazem parte da comunidade, trouxe para a discussão o problema: até que ponto é válida a imposição de preservar bens da arquitetura civil privada? Será que medidas burocráticas que não interferem na segurança e bem estar são necessárias? Ou deveria haver uma revisão legal nos critérios de intervenção do Estado em relação ao tombamento do patrimônio arquitetônico privado? Enquanto estudante de Artes faz-se necessária a percepção de que nossos processos artísticos devem suscitar reflexões e/ou sentimentos. E dentro do jogo entre público e privado, que é a questão da preservação de patrimônios, nossos questionamentos foram instigados de modo a nos levar à experimentação de uma ferramenta interativa, onde o público expressasse a sua opinião sobre esse assunto e refletisse sobre o mesmo. Para além de fomentar uma discussão, o projeto traz contribuições relevantes para a arte contemporânea, pois ultrapassa os aspectos formais e pictóricos do objeto artístico e engaja-se em questões de ordem social que influenciam diretamente na vida dos moradores de Cachoeira e no meio ao qual pertencem.

O mapeamento foi feito através da fotografia tirada da parte frontal da fachada do prédio histórico. Essa fotografia deu origem a uma máscara imagética – técnica necessária para que haja precisão no encaixe da foto projetada com a superfície frontal do prédio – que proporciona uma sensação mais real nas alterações feitas na superfície durante a interação.

A interface interativa, conectada ao computador, é o que possibilita a fruição por parte do espectador. Ao passar o mouse sobre a imagem projetada, as cores da fachada eram alteradas aleatoriamente causando um efeito pictórico interessante que possibilitou às pessoas o poder de decidir, de forma simulada, a cor do prédio. A interface possuía três botões circulares com os dizeres: linhas; animação e texturas. Esses permitiam, também de forma simulada, alterar a imagem projetada no casario de maneiras diversas.

A opção “linha” simulava a construção arquitetônica através de linhas brancas que surgiam sobre fundo preto em todas as direções, preenchendo toda a forma da casa. Opção para aqueles que defendem a preservação patrimonial com as regras que estão em vigor. A opção “animação” disparava uma animação feita com sequências de imagens fotográficas da própria fachada, que, quadro após quadro, simulava a demolição completa do telhado até a base. Essa opção fazia referência àqueles que desejam reconstruir completamente suas casas e se sentem incomodados com a situação atual de não poder destruir nem mesmo um tijolo ou parede que já está prestes a desabar.

Por último, tínhamos a opção “texturas”, que ao ser acionada poderia substituir a textura das paredes, como por exemplo, o tipo de tijolos usados ou as pedras existentes nas estruturas das mesmas. Essa possibilidade podia ser o meio termo entre aqueles que são a favor da preservação, porém querem ter uma liberdade maior para melhorar as estruturas de suas casas ou realizar reparos essenciais para sua segurança e conforto familiar.

Nessa experiência com a comunidade, percebi que quanto a essa questão de preservação e conservação dos bens privados pertencentes ao Conjunto Arquitetônico da cidade, as opiniões estão bem balanceadas, ou seja, existem muitas pessoas que defendem e lutam pela preservação dos seus bens, mas, por outro lado, há pessoas que não se importam com a questão da preservação e questionam a interferência do IPHAN na reforma dos bens à sua maneira. Nota-se que essa situação é bem relativa, pois preservar e conservar exige muito das

condições financeiras, além do fato da dificuldade de não se encontrar mais os mesmos materiais de construção. Em contrapartida, reconstruir seria um das melhores formas de adquirir a segurança da estrutura, bem como de economizar com materiais acessíveis.

3. Situação Histórica Atual de Cachoeira

A Estação Ferroviária de Cachoeira, tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) desde 1971, já havia sido reformada em 2007 em sua parte externa e a transição do rabicho (haste de manobra) que antes se estendia nas ruas próximas à estação. Com a reforma, este passou a ser ligado diretamente à entrada da ponte até a estação. Contudo, mesmo com a reforma de 2007, a estação não foi ativada para outra funcionalidade, apenas permanecendo como Estação de passagem das máquinas locomotivas, mas, sobretudo como abrigo para meliantes e depósito de lixos.

Entretanto, no dia 18 de janeiro de 2019, ocorreu o lançamento da pedra fundamental para restauração da Estação Ferroviária de Cachoeira. A reforma é resultado de uma luta de muitos anos do militante e historiador Pedro Erivaldo (Cabeção) com apoio da Prefeitura de Cachoeira. A obra iniciará desta data a 30 dias e tem previsão de duração de 20 meses de serviço, sendo administrada pela empresa Valor Logística Integrada (VLI). O prédio a ser restaurado, a princípio, seria a sede do Centro de Cultura e Artes, no entanto, no dia do lançamento da reforma, o prefeito de Cachoeira informou à comunidade que o espaço além de ser um Centro Cultural abrigará também a Guarda Municipal, a Polícia Militar e a SAMU.

Destacasse para esse trabalho o desenvolvimento de um novo uso para os espaços onde a comunidade estará sendo beneficiada, paralisando de imediato a contínua degradação do imóvel que em parte já se encontra em ruínas. Um projeto de restauro para a fachada é necessário para preservar o patrimônio histórico da estação de Cachoeira (IPHAN, 2018, p.04).

Vale pontuar que, a Estação Ferroviária de Cachoeira merece ser valorizada, principalmente pelos cidadãos, por ser um espaço de grande relevância para cidade desde o século XIX. O local histórico que antes transportava cargas e passageiros, atualmente apenas transporta cargas. Ou seja, lugar apenas para a passagem do

trem. Com a nova reforma, espera-se voltar a ser ativo, além de continuar sendo lugar de passagem do trem, seu espaço vai ganhar novas funções que fomentarão o enriquecimento cultural e artístico da cidade.



Figura 3: Estação Ferroviária de Cachoeira – Fonte: Google Imagens, 2019.

Nesse contexto de relação de identidade e pertencimento considera-se que Pedro Erivaldo (*Cabeção*), cidadão cachoeirano, militante e um dos fundadores da Organização não governamental – ONG - *A Cidadã* (Associação Institucional de Defesa dos Direitos Constitucionais e Infraconstitucionais da Região do Recôncavo), como sendo o principal responsável pela luta para reforma e restauração da Ponte D. Pedro II e da Estação Ferroviária de Cachoeira. Essa luta teve início em 1995, antes da privatização da ferrovia do trecho de Minas a Sergipe. Em 2002 ele e seus aliados criaram a campanha SOS Ponte D. Pedro II, com objetivo de dar publicidade a essa luta.

Para tanto, *Cabeção* alia-se ao Rotary Clube e à Maçonaria, além de receber apoio do prefeito de São Félix abrindo uma reclamação na Procuradoria da República na cidade de Salvador. No entanto, a obra da estação foi embargada pela Procuradoria e a ferrovia fica mais ou menos dois anos “em silêncio”: não houve contato com *Cabeção* e seus aliados. O interesse na reforma da ferrovia era apenas a criação do rabicho para passagem do trem. No entanto, foi quebrada toda a sua estrutura, sem trazer recursos para a cidade.

Em 2002, a Procuradoria da República orienta a que persistam sobre a questão da reforma da ponte e da Estação. Neste mesmo ano, o Ministério Público lança o TAC - Termo de Ajustamento e Conduta - entre o Ministério Público e a Ferrovia Centro Atlântica. Esse termo apresenta as questões da reforma nos patrimônios históricos. No decorrer desses 20 anos foram feitas reuniões anuais, a fim de discutir o TAC, conferir o andamento dos processos e outras pautas. Assim, o dia 07 de julho foi a data escolhida para comemorar o aniversário da Ponte D. Pedro II.

Com a perspectiva da restauração, as reuniões anuais acontecem agora incluindo as questões de conservação, tais como; iluminação, velocidade dos veículos, manutenção e preservação do prédio tombado. E quanto ao funcionamento, após a restauração da Estação Ferroviária, a prefeitura instalará nesta, conforme já dito, o Centro de Cultura e Artes, além dos órgãos da Polícia Militar, a SAMU e o Corpo de Bombeiros.

Nota-se que *Cabeção* apoia, em partes, a decisão do prefeito de ceder o espaço para o Centro Cultural. O mesmo concorda em abrigar apenas os órgãos públicos com funções mais objetivas para comunidade. Segundo ele, percebe-se a falta de preservação pelos bens materiais por parte da comunidade e com estes órgãos públicos instalados dentro da Estação, cria-se a possibilidade de conservar e preservar os patrimônios históricos da cidade. Como afirma Martins:

a livre obrigação não se faz por mera opção pessoal, como estratégia individual de interesse em sobreviver ou controlar. É preciso que a sociedade se decida a implicar todos no agir coletivo gerando sentimento de pertencimento, reconhecimento e inclusão de modo generoso e amoroso (2016, p.45).

Conforme informou o militante, quando morou em São Paulo, este participou de vários congressos. Nestes, teve contato com militantes renomados, adquirindo muitas experiências. Diante disso, retornou para Cachoeira com um propósito de melhorar sua cidade através de seus aprendizados. As lutas e as conquistas são produtos de tudo aquilo que ele aprendeu na cidade de São Paulo. Segundo *Cabeção*, “um trabalho realizado fica na memória. As dificuldades, o aprendizado e o incentivo a pegar outras lutas. Nossa cidade precisa muito, nossa cidade é deficiente”. Para ele, as conquistas estão acontecendo aos poucos e as lutas não devem parar, tem que continuar. O sentimento de orgulho por cada conquista

acentua ainda mais seu vínculo de pertencimento com sua cidade. Martins (2016) comenta um tipo semelhante de situação a partir da questão da dívida :

Tal esclarecimento é relevante para sublinhar que o objetivo intelectual de Mauss (2003) não era apenas acadêmico. Havia nele, também, um compromisso de militância com a sociedade, com a construção de saberes práticos adequados para proporcionar o surgimento de relações sociais mais solidárias (2016, p.26).

Nesse contexto sobre a dívida, o vínculo de pertencimento com a cidade gera automaticamente obrigações como cidadão em dar retorno para comunidade. Isso através de recursos que tragam benefícios e, sobretudo, reconhecimento e valorização de sua cidade. Os vínculos de pertencimento foram estimulados quando o cidadão esteve fora da sua cidade natal, sendo preciso um distanciamento para incitar a dívida histórica sobre os patrimônios históricos de Cachoeira. Sendo assim, o fortalecimento da identidade fomentou reflexões, questionamentos e discussões sobre o descaso e esquecimento dos patrimônios históricos da cidade. Assim, iniciaram as lutas e conquistas para restauração e preservação dos bens históricos.

No dia 19 de janeiro de 2019, recebi, logo cedo, as imagens do desabamento parcial do antigo Hotel Colombo, de início não acreditei no ocorrido, porém depois, ao ler os comentários tive certeza que havia acontecido, de fato, o desmoronamento. No mesmo instante veio à memória do dia anterior, no qual presenciei o momento importante para a cidade de Cachoeira, a restauração da Estação Ferroviária. Todavia, logo depois, ocorre esse episódio lamentável com outro patrimônio cultural da cidade.

O Hotel Colombo foi construído em 1830, mas só em 1940 ele foi inaugurado por Aurélio Bouzas, um espanhol que fugiu da guerra civil e veio se instalar no Recôncavo baiano, na cidade de Cachoeira.

No século XIX, o Colombo foi o primeiro hotel de grande porte a se instalar na cidade, assim se tornou um espaço histórico refletindo momentos de glória do município. Naquela época, Cachoeira era considerada o polo econômico da Bahia, por conta da produção de açúcar e fumo. A cidade de Cachoeira atuava como entreposto comercial entre as cidades do sertão e Salvador pela via fluvial. Já no século XX, nele se hospedaram vários famosos, inclusive cantores como Gilberto Gil, Cauby Peixoto e Ângela Maria. Com o início das rodovias a cidade entra em

declínio, e é nessa conjuntura que o hotel tem uma queda significativa de hóspedes. Em 1972, o proprietário morre e seus filhos não conseguem manter ativa a oferta de serviços. Dessa maneira, então, o hotel é vendido e praticamente são fechadas suas portas, mas permanece funcionando somente a parte térrea.

Atualmente a cidade é a segunda capital da Bahia, a qual abriga importantes praças, casarios, igrejas e sobrados os quais são preservados. Entretanto, muitos desses já não mantêm ativas as funções pelas quais foram originados e se encontram desativados e esquecidos, ao passo de ocorrer desabamento, causando acidentes e a destruição da nossa história. As memórias afetivas e históricas, as quais são coletivas, desabaram junto com o hotel e se encontram sufocadas debaixo dos escombros. Ocasionalmente “a morte”, a qual, é maior e pior consequência do abandono afetivo.

Referente ao Quarteirão do Hotel Colombo este faz parte do conjunto Arquitetônico e Paisagístico da cidade e é tombado pelo IPHAN, desde 1971. Sabe-se que o prédio não é de propriedade da prefeitura, existe um proprietário que não presta manutenção bem como não o coloca à venda. O espaço está abandonado há vários anos colocando em risco a vida das pessoas da comunidade e dos visitantes que transitam naqueles arredores.

Assim, o Hotel Colombo se encontra parcialmente em ruínas, não houve nem sequer uma vistoria pelos órgãos responsáveis antes dos ruídos de riscos de desabamento. Faltou pouco para acontecer um acidente fatal. O descaso pelo Patrimônio Cultural é notório por parte do proprietário, o qual não se responsabiliza e nem passa adiante o imóvel para quem realmente valorize e reconheça a grande relevância desse espaço para cidade.



Figura 4: Ruínas do Antigo Hotel Colombo – Fonte: Google Imagens, 2019.

Nesse sentido, o desabamento foi um evento que muito me sensibilizou, pelo fato das “nossas memórias estar desmoronando” junto com ele. No entanto, surgiu um pequeno sentimento de esperança, o qual me motivou a pensar que esse acidente poderia ser o ponto de partida para o começo de uma possível restauração que havia sido esquecida.

Nota-se que o Hotel Colombo está sendo renegado coletivamente, pelo próprio proprietário, o qual não afirmou legitimamente ser o dono do imóvel; pela prefeitura, que no ano de 2014 desapropriou o espaço para ceder a um novo Campus da Universidade do Recôncavo da Bahia, o qual abrigaria os cursos de arquitetura e urbanismo mas, logo depois, desistiu da aquisição pelo custo da reforma do imóvel ser além do esperado. E, em parte, pela comunidade por não valorizar esse local que foi de enorme relevância no desenvolvimento econômico da cidade de Cachoeira. Neste caso, percebe-se que por algumas questões políticas e burocráticas, entre a prefeitura e antigo proprietário, o andamento do processo de restauração está estagnado. Esse fato pode ser comprovado pela informação citada na página oficial do IPHAN:

[...] a Caravana da Cultura segue para conhecer o Quarteirão Colombo, onde pretende-se implantar uma nova unidade do Campus da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB, que abrigará o Curso de Arquitetura e Urbanismo com ênfase na preservação e restauro do patrimônio. Os imóveis já se encontram desapropriados pela Prefeitura

Municipal e dependem, ainda, da captação dos recursos para a execução do projeto (2015).

Percebe-se que a situação do Colombo encontra-se nesse impasse, no qual pessoas e órgãos envolvidos estão sendo manipulados por interesses políticos e financeiros, os quais não conseguem se sensibilizar com a preservação e restauração, contribuindo assim com desabamento e esquecimento da nossa história. Como afirma Santos em seu texto, “o objetivo da sociologia das ausências é transformar objetos impossíveis em possíveis e com base neles transformar as ausências em presenças” (2002, p. 12).

Contudo, em meio a essa briga pela responsabilidade do Hotel Colombo, percebe-se que o local está sendo renegado por todos. Um espaço que poderia ser ressignificado por motivos relevantes, tais quais seriam: ter uma história significativa, possuir uma enorme área de extensão e ainda ser localizado em frente ao Rio Paraguai. Sendo assim, torna-se um desperdício o abandono e o esquecimento desse local tão importante. Como conceitua Santos:

há produção de não-existência sempre que uma dada entidade é desqualificada e tornada invisível, ininteligível ou descartável de um modo irreversível. O que une as diferentes lógicas de produção de não-existência é serem todas elas manifestações da mesma monocultura racional (2002, p.12).

Dentro desse contexto, a sociologia das ausências é um método que consiste em dar visibilidade àquilo que antes era invisível. Assim, ao invés de dar crédito apenas às experiências científicas, valorizar as experiências alternativas que nos cercam. Dessa maneira, “a sociologia das emergências é a investigação das alternativas que cabem no horizonte das possibilidades concretas” (SANTOS 2002).

Diante disso, uma das possibilidades alternativas seria restauração e preservação do casarão histórico com a aquisição, destinando-o a outra funcionalidade, seja ela pública ou privada. Nesse caso o importante seria não abandonar ou esquecer o lugar. Destarte, há informações que o prédio é de herança, e existem possibilidades de especulação imobiliária, por isso há uma grande resistência na venda do imóvel. “Neste domínio, a sociologia das ausências visa libertar as práticas sociais do seu estatuto de resíduo, restituindo-lhes a sua

temporalidade própria e, assim, a possibilidade de desenvolvimento autônomo” (SANTOS 2002).

Nota-se que esse abandono pode ser algo estratégico, talvez esse descaso seja uma forma de induzir as pessoas a sentir desafeto por esses lugares “ultrapassados”. Nesse sentido, pode ser que esse desabamento seja favorável para o proprietário e alguns órgãos responsáveis, pelo fato da construção ser antiquada ou até mesmo por questões políticas e financeiras. Nestes termos, o abandono afetivo é constituído pela indiferença e ausência das pessoas pelos outros e até mesmo pelas coisas, gerando esquecimento e invisibilidade. Como afirma Santos sobre a tradição metodológica da sociologia das ausências, “esta lógica produz não existência declarando atrasado tudo o que, segundo a norma temporal, é assimétrico em relação ao que é declarado avançado” (2002, p.13).

Neste sentido, a pesquisa sobre o abandono afetivo dos patrimônios históricos de Cachoeira consiste em, em parte, contribuir com a visibilidade, incitações a questionamentos e discussões sobre esses lugares importantes que estão sendo abandonados e esquecidos pelas autoridades e, sobretudo pela comunidade.

4. Cidadania e Ambientes Culturais

Dentro desse contexto da especialização em Cidadania e Ambientes Culturais, pude adquirir um olhar mais crítico em relação ao abandono dos monumentos históricos de Cachoeira. Ao longo da pesquisa houve a oportunidade de perceber que o abandono desses espaços reflete divergentes questões políticas e financeiras. A pesquisa me proporcionou obter conhecimentos importantes sobre minha cidade que nunca havia estudado antes. Infelizmente a maioria dos cachoeiranos não conhece a riqueza da historicidade desta cidade. Trata-se de uma questão que, a meu ver, precisa ser discutida e refletida através de pesquisas como esta, com o intuito de incentivar outros estudantes a ampliar seus conhecimentos sobre a história dos espaços onde vivem.

Vale ressaltar a dificuldade em adquirir os documentos do processo de restauração durante o estudo sobre os dois patrimônios históricos de Cachoeira: Estação Ferroviária e Hotel Colombo. As informações sobre o processo de restauração da Estação Ferroviária já se encontram publicizadas no site do IPHAN. Em contrapartida, a informação sobre o andamento da restauração do Hotel

Colombo está arquivada na Biblioteca Pública de Salvador, segundo o órgão federal do IPHAN. Foram várias tentativas sem êxito, seja por solicitação (em forma de requerimento) ou por telefone para obter alguns dados sobre o andamento de restauração do Hotel Colombo.

Segundo o Secretário de Obras do município, Sr. Edgar Moura, o processo sobre o desabamento do antigo Colombo está tramitando na justiça. O proprietário Sr. Raimundo nega a responsabilidade em assumir o sobrado, inclusive não tomou as providências em recolher os entulhos que ainda permanecem na rua, desde o dia do desmoronamento. Restou à prefeitura providenciar faixa de isolamento para evitar acidentes. Já que, o proprietário se exime da responsabilidade “paterna”, não aceitando a devolução do prédio.

Com isso, desde o ocorrido, ele não atende as ligações telefônicas da prefeitura, praticamente ele se distanciou da cidade. Segundo o secretário, não cabe à prefeitura recolher os entulhos do sobrado, sendo dever do proprietário assumir todas as responsabilidades. No entanto, para os cidadãos torna-se mais fácil cobrar da prefeitura em detrimento do proprietário. O que restou da estrutura ainda continua oferecendo risco para população, pois está ameaçada.

Diante disso, questiona-se: Cachoeira retornará à situação de abandono que se encontrava antes do Projeto Monumenta? Sabe-se que o Monumenta já finalizou sua contribuição na cidade, todavia esse têm gestão do Governo Federal. Com isso pensa-se que se tornará inviável a realização de um novo projeto de incentivo à cultura e turismo na região, por conta desses tempos difíceis que vivenciamos.



Figura 5: Parte lateral das Ruínas do Hotel Colombo -
Fonte: Google Imagens, 2019.

Sobre a restauração da Estação Ferroviária de Cachoeira, a princípio, a empresa Construtora Paraguaçu, a qual está executando a reforma, negou qualquer informação sobre o andamento do processo de restauração. A engenheira Flávia me orientou a buscar informações no órgão do IPHAN instalado na cidade. Neste, o funcionário Wellington me informou que não consta nenhuma informação atualizada sobre o andamento da obra da Estação Ferroviária. Desta forma, obter alguns dados básicos sobre a reforma do Patrimônio Histórico da cidade ficou um tanto inviável, ao passo de ter que denunciar a empresa de fiscalização da reforma, a Empresa Valor da Logística Integrada (VL!), sobre a falha que esta cometeu em negar contribuição para uma pesquisa acadêmica já que se trata de uma obra pública e todos os cidadãos têm o direito de saber sobre reforma realizada em um bem público. Seguido este evento, a empresa VL! me atendeu muito bem, se desculpando pela falha, bem como se comprometeu em me enviar por email algumas informações sobre a obra.

Na tentativa de coletar alguns dados sobre a reforma da Estação, entrei em contato com o senhor Pedro Erivaldo (Cabeção), que por hora me recebeu mais uma vez em sua ONG A Cidadã. Segundo Cabeção, essa obra não está sendo financiada pelo Governo Federal, ela está sendo administrada pela Ferrovia. No início, a obra da Estação Ferroviária estava em processo muito lento, porém nos últimos dois meses tem avançado. Entretanto, não está sendo possível a reforma dos dois galpões ao mesmo tempo. No primeiro espaço da Estação a ser restaurado, a obra iniciou com a retirada da antiga cobertura do telhado central, na qual já está sendo inserida uma nova estrutura. De acordo com o militante, essa parte da Estação, até o início do ano de 2020, já estará coberta, possivelmente essa primeira parte estará pronta até o final do ano 2020. Sendo que o outro galpão, provavelmente, iniciará a reforma no início de 2021.



Figura 6: Placa- Execução da Reforma da Estação Ferroviária –
Fonte: Google Imagens, 2019.

Sobre os desafios de colher informações sobre os Monumentos Históricos estudados, o que pode ser percebido é a falta de diálogo entre os órgãos públicos e a comunidade. Isso distancia os cidadãos e, de certa forma os aliena do processo, assim como dificulta a continuidade das pesquisas e projetos. No entanto, tal fato está sendo um motivo impulsionador para persistir ainda mais nessa causa do Abandono Afetivo dos patrimônios da minha cidade.

5. Considerações Finais

Sabemos que a cidade de Cachoeira, no século XIX, já foi um dos principais núcleos econômicos da Bahia, sendo considerada importante cidade na produção do açúcar e do fumo. Ela era a principal via de acesso fluvial-terrestre, na qual fazia o escoamento dos produtos para o porto de Salvador. Com a implantação da rodovia, BR 324, entre os anos 1960 e 1970, Cachoeira perde esta posição para cidade de Feira de Santana. Ainda nos meados do século XX Cachoeira entra em declínio, ficando estagnada por muito tempo. Em contrapartida, no século XXI, Cachoeira consegue entrar no programa de incentivo à cultura, promovendo o turismo, com a intenção de movimentar a economia da cidade.

Nesse contexto de promoção à cultura e desenvolvimento do turismo, a cidade de Cachoeira teve grande destaque no Programa do Projeto Monumenta, devido a sua rica história no processo do desenvolvimento do país. Nota-se que Cachoeira está entre as três cidades do Brasil que mais receberam recursos para financiamento de monumentos históricos e privados, devido a grande demanda de bens a serem restaurados. Dessa maneira, é possível perceber que a implantação da Universidade Federal do Recôncavo - UFRB foi também um dos grandes motivos para o Projeto Monumenta se instalar na cidade, visando uma perspectiva de avanço na economia.

Vale ressaltar que no percurso da Especialização de Cidadania e Ambientes Culturais, as minhas experiências sobre o Abandono Afetivo com os Patrimônios Históricos proporcionou aguçar uma maior criticidade além do sensível, ocasionando um estudo mais profundo, adentrando em questões sobre Cachoeira das quais antes não tinha conhecimento. Desse modo, houve um enriquecimento da pesquisa, ao ponto de possibilitar a compreensão da história da minha cidade. Bem como também, contribuindo de alguma forma no fomento de pesquisas posteriores sobre esse conteúdo.

Sabe-se que esse estudo, possivelmente, não solucionará a questão do abandono dos patrimônios históricos, porém incitará discussões e questionamentos, os quais possibilitarão reflexões sobre a potencialidade desses bens que se encontram esquecidos. Por fim, é interessante citar mais uma vez, que cada monumento aqui estudado contribuiu, com sua história, na construção da cidade.

Sendo assim, merece ser reconhecido e valorizado pelos governantes e principalmente pela comunidade.

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. **A Câmara clara** - Nota sobre a fotografia. São Paulo: Companhia das letras, 1979.

BICCA, Charles. **Abandono Afetivo – O dever de cuidado e a responsabilidade civil por abandono de filhos**. Brasília. Editora: OWL, 2015.

CHUVA, Márcia Regina Romeiro et. al. Rotas de Alforria - Trajetórias da População Afro- Descendente na Região de Cachoeira - Bahia. COPEDOC/IPHAN- Rio de Janeiro, 2008.

HENRIQUE, Wendel. **A instalação da UFRB, a ação do Programa Monumenta e o turismo étnico na reestruturação urbana e no cotidiano de Cachoeira-Ba: notas preliminares de pesquisa**. Disponível em < <https://www.portalseer.ufba.br/index.php/geotextos/article/view/3570>> Acesso em: 20 de outubro de 2019.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- **IPHAN**. Disponível em < <http://portal.iphan.gov.br/>. Acesso em 26 de setembro de 2019.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional- **IPHAN**. Disponível em < portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/ColReg_RecuperacaoImoveisPrivadosCentroSHistoricos_m.pdf. Acesso em: 22 de outubro de 2019.

JACQUES, Paola Berenstein. Errâncias Urbanas: a arte de andar pela cidade. **REVISTA ARQTEXTO**, Porto Alegre, 2005.

Jornal **CORREIO*** <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/o-renegado-desabamento-de-hotel-colombo-expoe-jogo-de-empurra-e-descaso/>. Acesso em:

MARTINS, P.H. A Dádiva como Sentimento e Prática: Desafios do agir amoroso no mundo da vida e dos sistemas. **REALIS**, v.6, n.01, jan-jul. 2016- ISSN 2179-7501.

PICOLI, Bruno Antônio. Memória, História e Oralidade. **Mnemosine Revista** - Brasil Colônia, Campina Grande, v.1, nº1, jan/jun. 2010, p.168-184.

POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol.5, n10, 1992, p.200-212;

QUARESMA, Henry Uliano. **Segurança nas cidades**. Disponível em < <https://ndmais.com.br/opinioao/artigo/seguranca-nas-cidades/> Acesso em: 03 de dezembro de 2019.

REBOUÇAS, Ozana Silva. **Universidade e Desenvolvimento Local: A UFRB e o Desenvolvimento em Cachoeira/BA Segundo a Percepção dos Agentes Locais**.

UFRB- Cruz das Almas, 2017. Disponível em <
<https://www.ufrb.ufrb.edu.br/mpgestaoppss>dissertacoes>category>

SANTOS, Boaventura Sousa. “Para uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências” **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 63/2002-237-280.

SANTOS, Lise Anne Gonçalves. **FILHAS DA MÃE E DO PAI: O Abandono Afetivo sob a perspectiva do Processo de Criação Artística**. UFRB- Cachoeira, 2017.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: Do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record - 2010.

SIMAS FILHO, Américo. et. al. **Evolução Urbana de Cachoeira-BA- Séculos XIX e XX -Vol.II IPHAN/UFBA** -Salvador,1979.

Sites:

Disponível em <
http://www.estacoesferroviarias.com.br/ba_monte%20azul/cachoeira.htm Acesso em 10 de maio de 2019.

Disponível em < ipac.ba.gov.br/wp-content/uploads/2013/07/Programa-Monumenta.pdf Acesso em: 24 de outubro de 2019.

Disponível em < vapordecachoeira.blogspot.com Acesso em: 19 de setembro de 2019.

Disponível em < <https://ndmais.com.br/opiniao/artigo/seguranca-nas-cidades/> Acesso em: 03 de dezembro de 2019.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RECÔNCAVO DA BAHIA CENTRO DE
CULTURA, LINGUAGENS E TECNOLOGIAS APLICADAS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO LATO SENSU EM CIDADANIA E AMBIENTES
CULTURAIS**

**COMISSÃO EXAMINADORA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE
CURSO DE LISE ANNE GONÇALVES DOS SANTOS**

Prof. Dr. LÚCIO JOSÉ DE SÁ LEITÃO AGRA
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB
(Orientador)

Prof.ª Dr. FRANCISCA HELENA MARQUES
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Prof.ª Dr. ANA VALÉCIA ARAÚJO RIBEIRO
BRISOT
Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB

Aprovado em 13 de Dezembro de 2019.

**Cachoeira-BA
2019**